

## Políticas públicas e o fetiche tecnicista

*Legislações, tecnologias e crenças filosóficas acontecem no chão da realidade onde as instituições se desenham e redesenham através de um processo errático de conflitos*

Por Álvaro Miranda\*

Dois tipos de percepção sobre o tema têm se manifestado num curso que ministro sobre avaliação de políticas públicas na Escola de Contas e Gestão do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro. Os alunos são funcionários públicos do governo do estado e dos municípios. De um lado, a que espera receber um receituário acabado de fórmulas e técnicas de como fazer avaliações. De outro, a visão que defendo de que não há receitas fechadas para um objeto que é inerente ao processo político. Mesmo não cabendo aqui esse grande debate, é possível assinalar alguns pontos importantes.

As que preferem fórmulas prontas dizem respeito à crença de que eficácia, efetividade, economicidade e legitimidade das políticas públicas só podem ser obtidas mediante o uso de ferramentas consagradas, de tecnologias avançadas, da obediência a normas consideradas boas, bem como a atuação de autoridades competentes que consigam fazer os outros a cumprir a lei. Uma visão que, a meu ver, tende a uma perspectiva purificadora do processo social, negligenciando os inevitáveis conflitos de uma sociedade democrática. Trata-se da crença de que bastam leis e punições para que políticas públicas tenham resultado.

Já os que demonstram outra postura enxergam a política pública como processo complexo envolvendo diferentes atores, arenas e problemas, requerendo, obviamente, boas técnicas, boas leis e autoridades competentes. Porém, não esquecendo que o buraco é muito mais embaixo num sistema que não pode ser comparado a um organismo biológico explicável pelas leis gerais da Física, da Química ou da Matemática. Ou pela preponderância de explicações estritamente jurídicas ou econômicas para a formação de agendas públicas.

Legislações, tecnologias e crenças filosóficas acontecem no chão da realidade onde as instituições se desenham e redesenham através de um processo errático de conflitos, convergências, intempéries, discursos e contradiscursos. Sem falar do imponderável dos movimentos tectônicos do planeta e do inconsciente humano. Existe uma ordem para os que têm segurança pessoal, econômica, política e jurídica. Mas, para grandes parcelas da sociedade que não têm segurança alguma, aqui e alhures, essa pretensa ordem esconde um caos ora silencioso, ora explodindo de forma episódica.

Uma realidade em que é impossível, por exemplo, separar a economia da política e ambas do campo jurídico, bem como deixar de considerar a interdependência cada vez maior entre os países, para o bem e para o mal de uns e outros. Que a questão não se resume simplesmente a um problema de “gestão técnica”. Mas sim também, dentre outras coisas, de instrumentos e lideranças capazes de formar pactos para um projeto coletivo. Projeto de ação pragmática em meio ao caos da vida.

É justamente esse caos que nos desafia a conceber ações e desenvolver técnicas para a sobrevivência e desenvolvimento da sociedade. Importante não esquecermos a presença do

passado no presente em muitas questões de políticas públicas como postura intelectual estratégica para fins de compreensão dos fenômenos sociais. Um aprendizado que implique a percepção da existência de diferentes histórias humanas, algumas sobrepostas, outras entrelaçadas, e não a de uma “história universal” escrita pelos dominadores e impingida goela abaixo dos dominados.

Nesse sentido, os ensinamentos de Celso Furtado e Guerreiro Ramos são mais do que oportunos sobre a necessidade de sermos criativos em políticas públicas e construtores de uma sociologia própria — e não simplesmente plagiadores. Avaliação, nessa perspectiva, implica arranjos específicos construídos pela própria coletividade, inevitavelmente no processo político. E, sem dúvida alguma, desmistificando o fetiche de fórmulas prontas e inquestionáveis de diferentes tipos de especialistas e seus interesses.

\*Álvaro Miranda é jornalista

Leia mais sobre esse assunto em <http://oglobo.globo.com/opiniao/politicas-publicas-o-fetiche-tecnicista-20372241#ixzz4QlBuyMf6>

© 1996 - 2016. Todos direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem autorização.